

HISTÓRIA DE VIDA: DOS DESAFIOS DE SUA UTILIZAÇÃO

LIFE HISTORY: THE CHALLENGES OF THEIR USE

Maria Esther Fernandes¹

“Diante dos textos biográficos, eu sempre tenho a impressão de não estar suficientemente atento e sensível para compreendê-los a fundo. Tenho também a impressão de não merecê-los (...) São pessoas, seus rostos, o diálogo direto. Pessoas e não papéis. A sensação é a de violar os espaços secretos das pessoas”.

(Franco Ferrarotti – *Histoire et histoires de vie*).

RESUMO: Este artigo aborda alguns dos desafios que se colocam ao pesquisador quando se propõe a fazer uso de histórias de vida e depoimentos pessoais. Para além dos postulados teóricos e da vigilância epistemológica exigidos pela pesquisa científica, o pesquisador deve estar pronto para estabelecer uma relação de proximidade com o informante. As três fases de utilização dessa técnica, a saber: gravação, transcrição e análise, demandam do pesquisador não apenas formação teórica e metodológica, mas, também, sensibilidade, afetividade e respeito para com o entrevistado, condições necessárias para que possa penetrar o universo pesquisado para melhor compreendê-lo

PALAVRAS-CHAVE: História de vida; Desafios; Metodologia; Análise de documentos.

¹ Graduada em Ciências Sociais Campus de Presidente Prudente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1968), mestrado em Escola de Comunicações e Artes pela Universidade de São Paulo (1976) e doutorado em Escola de Comunicações e Artes pela Universidade de São Paulo (1986). Atualmente é professor titular do Centro Universitário Uni Facef Faculdade de Ciências Econômicas Administração.

ABSTRACT: This article discusses some of the challenges faced when the researcher intends to make use of life stories and personal testimonies. In addition to the theoretical postulates and epistemological vigilance required by scientific research, the researcher must be ready to establish a close relationship with the informant. The three phases of use of this technique, namely, recording, transcription and analysis, require the researcher not only theoretical and methodological, but also sensitivity, affection and respect for the interviewee, which is necessary for it to penetrate the area studied to better understand it.

KEYWORDS: Life history; Challenges, Methodology, Analysis of documents.

INTRODUÇÃO

Ao longo da carreira docente, do mestrado à livre-docência, a pesquisa de campo exerceu sobre mim crescente fascinação, encontrando, nas fontes orais, valioso instrumento para a investigação da realidade.

Minha familiaridade com a pesquisa de campo, ao mesmo tempo em que me concede a experiência para tratar com a realidade viva, adverte-me para a cautela na utilização dos instrumentos de pesquisa. Tento manter-me alerta aos limites da técnica e da própria observação.

Ferrarotti (1980, p. 230) fala do receio de não estar suficientemente atento e sensível para compreender a fundo os textos biográficos.

Queiroz, discorrendo sobre a complexidade da passagem do oral ao escrito (registro e transcrição da entrevista), descreve a impossibilidade de se recuperar o vivido em todas suas nuances: “o documento escrito, resultado destas duas fases, é uma pálida cópia da realidade, e é sobre esta pálida cópia que trabalha o pesquisador” (1983, p. 85).

Calvino (1997) refere-se aos limites e, ao mesmo tempo, ao esforço das palavras para darem conta, com possível precisão, do aspecto sensível das coisas, da densidade do mundo que nos rodeia. Segundo ele, a sensibilidade do poeta lhe permite aproximar-se da exatidão ao fazer uso da linguagem: “(...) penso em William Carlos Williams descrevendo tão minuciosamente as folhas do ciclâmen, o que faz com que a flor tome forma e desabroche nas páginas em que a descreve, conseguindo dar à poesia a mesma leveza da planta” (CALVINO, 1997, p. 89).

É o leitor quem confere vida aos “signos mortos da escrita”. É o pesquisador quem opera a intermediação entre documento e realidade. É seu olhar que irá direcionar cortes, recortes, montagem, fragmentando, recompondo e construindo um novo texto, a partir da seleção temática. A tentativa é sempre descobrir o que se oculta sob o imediatismo da evidência empírica, de modo a compreender mais profundamente o sentido dos dados.

Da vivência com o trabalho de campo, onde a pesquisa qualitativa teve primazia, abriu-se espaço para refletir sobre os desafios por ela colocados ao pesquisador. Entre tantos, a difícil tarefa de compreender as mediações entre objetos singulares e a realidade na qual estão inseridos.

A busca das fontes orais

Para o sociólogo decepcionado pelo empirismo quantitativo de pesquisas por questionário, pela massa de dados separados de seu contexto original, apresentados como cortes transversais onde todas as referências temporais e pessoais eram eliminadas, a história de vida parece oferecer informações que, por sua própria natureza, formam um conjunto coerente e enraizado na experiência social.

Considera-se, de modo geral, que o uso do documento pessoal denominado biografia ou auto-biografia na França, *life histor* no mundo anglo-saxão seja recente em sociologia. De fato, tanto em etnologia quanto em sociologia, os primeiros trabalhos publicados surgem logo após a Primeira Guerra Mundial. Entre eles, a obra clássica de W. I. Thomas e P. Znaniecki “The polish peasant in Europe and America”, pesquisa conjunta publicada entre 1918 e 1920. Em etnologia, a utilização de depoimentos indígenas sobre as instituições e as práticas culturais é ainda mais antiga, nascida, de fato, com a própria pesquisa nesta área.

Os sujeitos pesquisados pela história oral colocam em relevo os “esquecidos da história”. Trata-se de grupos que se encontram, por suas relações, no nível inferior da escala social: trabalhadores e profissões em vias de desaparecimento; mulheres ou grupos sócio-culturais e étnicos discriminados (judeus, negros, emigrados), mas, também, locais e territórios periféricos (em lugar do nacional e dos centros de poder).

Pollak (1987) discorrendo sobre as contribuições trazidas por este *l'air du temps scientifique*, destaca:

Tais pesquisas puderam perseguir um duplo objetivo, cognitivo e político: preen-

cher os lugares vazios e os terrenos virgens da historiografia e, indiretamente, reforçar o sentimento de adesão nos grupos considerados ‘marginalizados’. Assim, tais trabalhos pretendem responder, simultaneamente, a uma demanda de conhecimento e de construção de identidades coletivas. (...) Muito mais que pretender ‘dar voz aos dominados e esquecidos’, a prática da história oral nos força a colocar em questionamento as razões e os degraus diversos do silêncio sobre o passado. Esta abre caminho a uma análise das estruturas que subentendem o silêncio e a utilização do degrau do silêncio como indicador da dominação ou do traumatismo que pesa sobre este ou aquele grupo e indivíduo. (POLLAK, 1987, p. 13-16)

Joutard (1983) chamando nossa atenção para o fato de que a pesquisa oral, em nossos dias, se insere num movimento mais amplo do que a simples busca de identidade, lança a seguinte questão: “O recrudescimento do depoimento oral como fonte de investigação numa sociedade da escrita é uma simples evolução das técnicas da pesquisa histórica, ou um fenômeno mais profundo e mais global da civilização?”

Segundo ele, o fato de ver nos “pequenos” uma fonte de história tão válida quanto a dos “grandes” é a motivação de muitos que registram mulheres, índios, operários, camponeses. A descoberta de que cada um é “autor da história” e que o mundo dos vencidos também merece ser contado, não é um dado atual. Ele já está presente na exaltação do povo pelos românticos. Foi retomado por todas as correntes socialistas, projetado na França pela “História Socialista” de Jaurès. Mas o fato novo, a partir dos anos 60, é o alargamento de grupos que, até então privados da história, são descobertos através da história oral: não apenas operários, mas minorias étnicas, regiões, mulheres.

Percebe-se, então, que a utilização das fontes não é neutra; que a escrita, particularmente, reflete o ponto de vista dominante; que a utilização das fontes orais não é apenas uma comodidade para atingir pessoas que não dominam ou dominam mal a escrita, mas um meio de ter uma outra visão da realidade”. (JOUTARD, 1983, p. 149)

A despeito das controvérsias que ainda persistem em alguns círculos intelectuais a respeito da utilização das fontes orais, prefiro pensar na história oral (para utilizar a expressão de Jean-Pierre Rioux) como *l’air du temps scientifique*, brisa renovadora que nos obrigou a repensar muita coisa, ampliando perspectivas de captação da realidade social.

Segundo Thompson (1980), foi através da pesquisa de campo que os historiadores descobriram a importância das fontes orais: elas poderiam trazer não apenas informações complementares, mas novas perspectivas de percepção do real.

A promoção dessa técnica, o surto de pesquisa sobre os ciclos de vida e os tempos sociais, o desenvolvimento dos estudos longitudinais falam a favor desta linha de trabalho; na verdade, um “objeto” por muito tempo esquecido e recentemente recuperado. Assim, etnólogos retomam uma abordagem clássica em sua área, sociólogos esforçam-se por construir um modo de observação empírica diferente da sondagem por questionário, historiadores descobrem o valor das fontes orais.

A questão da nomenclatura

Consideramos importante precisar, embora de forma sucinta, a nomenclatura ligada à “história oral”, uma vez que algumas expressões diferem, quer com relação à sua definição, quer com relação às suas características.

Como referência, tomamos Queiroz (1988) e Bertaux (1980) pela contribuição que ambos ofereceram à metodologia da abordagem biográfica em sociologia.

Assim, para Queiroz (1988, p. 19-21) a *história oral* engloba tudo o que é narrado oralmente, seja história de alguém, de um grupo, história real ou mítica. A *história de vida* seria o relato do informante sobre sua existência, através do qual ele tenta reconstituir os acontecimentos que vivenciou, ao longo do tempo. *Depoimento*: toda história de vida encerra uma série de depoimentos. A diferença está na maneira como o pesquisador aborda o informante e conduz a entrevista. Ao colher um *depoimento*, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador, não deixando espaço para que o informante, livremente, coloque aquilo que ele considera importante narrar naquele momento; na *história de vida* é o informante quem decide o que vai relatar, enquanto o pesquisador se mantém, tanto quanto possível, silencioso.

Além de distinguir histórias de vida e depoimentos pessoais, Maria Isaura destaca a diferença entre *autobiografia e biografia*. A primeira existe, independentemente da figura do pesquisador, sendo o informante o responsável pelo seu registro, seja a escrita ou o gravador. Já a biografia é a história de um indivíduo registrada por outra pessoa.

De início, precisemos o vocabulário. A língua inglesa dispõe de duas palavras, “story” et “history” para traduzir o francês “histoire”. Após um longo período de hesitação terminológica, o sociólogo norte-americano Norman K. Denzin (1970) propôs uma distinção que, me parece, deve ser retomada, entre “life history” e “life story”. Por este último termo ele designa a história de uma vida tal como a pessoa que a viveu, a conta: se numerosos pesquisadores franceses empregam ainda o termo história de

vida com este fim, parece-me preferível utilizar “*récit de vie*”, que é mais preciso. Quanto ao termo “*life story*”, Denzin propõe reservá-lo aos estudos de caso sobre uma pessoa determinada e compreendendo não apenas seu próprio “*récit de vie*” mas, também, o recurso a outros tipos de documentos como: dossiê médico, dossiê judiciário, testes psicológicos e depoimentos de pessoas próximas. (BERTAUX, 1980, p. 200).

É importante observar que a maioria dos pesquisadores se utiliza da expressão “relato de vida” no mesmo sentido indicado por Maria Isaura para “história de vida”, ou seja: a história de uma vida, tal como a pessoa que a viveu a conta. Assim, ambas podem ser consideradas como equivalentes.

Segundo Thompson (1980) a redescoberta do valor da entrevista retrospectiva aprofundada, embora utilizada por especialistas de várias áreas, aparece sob “etiquetas diferentes”. A razão encontra-se no fato de que, embora o sociólogo colete “histórias de vida” e o historiador se interesse pelas “fontes orais”, defrontam-se ambos sobre um campo comum que os aguarda a partir de perspectivas diferentes.

Nunca é demais insistir no seguinte dado: são as problemáticas subentendidas nas pesquisas que levarão o pesquisador a se utilizar desta ou daquela técnica para a coleta dos dados, ou seja, a escolha e a aplicação da “história de vida” ou do “depoimento” estarão sempre em função do objeto pesquisado, assim como dos objetivos da pesquisa.

Relato de vida, “dialética dos saberes”

Em função de sua própria complexidade e riqueza, o relato de vida – seja qual for o método empregado para obtê-lo – coloca sempre uma série de problemas e exigências ao pesquisador. Começemos pela relação “polo pesquisador” x “polo pesquisado”.

A história do laço que se estabelece entre pesquisador e seu informante no contexto da entrevista é quase sempre a história de uma relação que marca um e outro. Tal encontro raramente deixa ilesos os dois parceiros.

Um relato de vida – e isto é verdadeiro para todas as outras formas de testemunho – não existe a não ser quando cessam as respostas às questões, quando se inicia o prazer de contar sua história, de transmitir sua experiência a outro. É preciso então que este prazer seja compartilhado por aquele que escuta. Uma vez estabelecida esta reciprocidade e esta troca, as lembranças podem demonstrar suas riquezas.

O discurso biográfico – e seu texto – é a expressão da relação cronológica dos fatos e descrição do meio social do autor: é a explicação do processo de socialização do narrador. Para tanto, as condições de produção exigem que o narrador possa contar sua vida tal como ele a percebe, isto é, selecionando os fatos como a memória permite, sem auto-censura ou auto-justificação. Sendo assim, é preciso que ele se sinta reconhecido enquanto pessoa, sendo o “clima” da entrevista de fundamental importância.

O processo de produção de um relato de vida não é simples. Se o pesquisador dele se utiliza apenas para obter do outro as informações que ele é capaz de fornecer, ele nos oferecerá muito pouco, pois é a própria natureza da relação estabelecida com o informante que o torna vazio ou pleno de sentido. É ela que determina o interesse, a dificuldade (ou a ambiguidade) – da pesquisa.

(...) Isto porque a pessoa interrogada, tal como o pesquisador, também se interroga, se revela, ao outro e a si mesma. Esta dupla interrogação quebra todos os modelos, restaura o ato de comunicação que abre o caminho à narração, à hipótese e à aventura – a aventura da ciência e da criação. A potencialidade do ‘relato de vida’ se situa precisamente na força desta interrogação que se estabelece entre dois indivíduos diferentes que se defrontam, revelando suas linguagens e as marcas de sua origem, num trabalho de questionamento e de descoberta do outro. (BOLLÈME, 1983, p. 36)

Bollème, analisando a problemática em questão – a interrogação que se fazem pesquisador e pesquisado no ato da entrevista – recorre a esta citação de Derrida comentando Zarathoustra: “o outro fraternal não se encontra, de início, na paz do que chamamos intersubjetividade, mas no trabalho e no risco da interrogação; ele ainda não está seguro da paz da resposta onde duas afirmações se entrelaçam, mas ele é chamado na noite para o árduo trabalho da interrogação” (BOLLÈME, 1983, p. 37).

Aprendendo a partilhar uma linguagem que não é a sua, o pesquisador se coloca, através dela, ao alcance do indizível, àquilo que lhe escapa – porque expresso de maneira diversa. “Conduzir a linguagem até este limite, seus limites, é colocar aquele que a pratica – narrador, escritor, pesquisador – sem linguagem, ou fazê-lo experimentar o quanto toda linguagem é formal, autoritária, cruel, obrigando-o a questionar esta autoridade” (BOLLÈME, 1983, p. 37)

Para Ferrarotti (1983) o conhecimento sociológico baseado sobre a pesquisa biográfica é, no mínimo, “um conhecimento a dois”. Uma espécie de dialética dos saberes opera uma síntese entre o dado social (colocado como um saber da descoberta sociológica) e o “vivido” individualmente (descrito pela própria pessoa). O vivido circula e se apaga no interior do dado.

Se a abordagem biográfica engaja toda uma metodologia – na e pela busca da narração, ela engaja também aquele que pesquisa, e coloca em questão seu próprio sistema de pensamento, levando-o a correr o risco de realizá-lo não mais para verificar a legitimidade ou o fundamento de seu discurso, mas como tentativa de penetrar o universo pesquisado para melhor compreendê-lo.

Os resultados obtidos numa pesquisa, através dos fundamentos teóricos e metodológicos oferecidos pela ciência, são produto de decisões que revelam o envolvimento e compromisso do pesquisador com o problema investigado. Na pesquisa social, no terreno do humano, onde pessoas, seus sentimentos e relações são investigados, a utilização das técnicas e métodos sempre provoca angústia no pesquisador. Ferreira (1981), discorrendo sobre o tema, afirma que essa angústia não fica resolvida pela escolha da metodologia ou pelos resultados obtidos na pesquisa; ela acompanha a trajetória de busca do conhecimento, interferindo a cada momento, modificando-a, às vezes, extrapolando até os limites do trabalho para questionar os valores do pesquisador.

A propósito, lembro-me de um dia, quando o “velho Lourenço”, como o chamam na Primavera² - um dos mais antigos moradores daquela fazenda, de memória privilegiada – após o término de uma de nossas longas conversas, chamou-me a um canto e, em voz de quem reclama segredo, perguntou-me: “*Dona Maria, de irmão para irmão, a senhora me de uma orientação: eu devo pagar o banco amanhã?*”? Lancei mão de todos os recursos, na tentativa de explicar-lhe que realmente não sabia como ele deveria proceder. Aconselhei-o a procurar o advogado que os assistia no momento, nos embates que travavam com as dívidas contraídas no Banco do Brasil, em decorrência de dois péssimos anos agrícolas, o que ocasionou perdas na lavoura. Mas, pela expressão de seu rosto, ficou-me a sensação de que eu escamoteara a informação correta. Embora tivesse explicado, desde o primeiro momento, as razões de minha presença entre os lavradores da Primavera, referiam-se sempre ao meu trabalho como “projeto”. “*Ela vai levar este projeto adiante, vai levar tudo para os homens da lei, lá em Brasília, eu tenho certeza disto*”.

Colocações dessa ordem me traziam muita angústia e, em momentos como esse – e não foi o único – senti vontade de poder abandonar tudo e tomar o partido daqueles que me confiavam particularidades de suas vidas e de suas lutas.

² Localizada no município de Andradina-SP, desapropriada pelo INCRA, em 8 de julho de 1980, onde colhi os dados para a tese de doutoramento “A Reforma Agrária no discurso dos lavradores da Fazenda Primavera”.

Pesquisa de campo envolve não só angústia, mas, também, encantamento que advém do que é revelado através do discurso do informante: sabedorias insuspeitas, corajoso enfrentamento da vida, singelas alegrias, lições de solidariedade: *“Eu ajudei. Graças a Deus, no que eu pude, ajudei. As formigas são pequeninhas, mas a senhora pode assuntá. No lugar delas, quando elas junta tudo, quanto é outro dia, ta uma ruma de terra. Quem carregou? Tá feito, né? Se não tiver uma demão é duro...”*

É preciso, então, numa pesquisa dessa natureza, tomar com cuidado esse conjunto complexo de relações que se estabelecem entre pesquisador e pesquisado. Em outras palavras, é preciso, como diria Devereux (1980), estar atento a esse “lugar de perturbação” que cerca a pesquisa de campo.

Neste caminho, tentando ultrapassar o limite das técnicas biográficas em uso, o pesquisador, num itinerário de despojamento cultural ou conceitual que Bolléme (1983) denomina “metodologia da renúncia”, faz da narração uma narração viva e desta metodologia um valioso instrumento de trabalho.

Do oral ao escrito: exigências e meandros para se chegar à análise

Ao lado das questões levantadas em torno da relação pesquisador-pesquisado, há ainda outros elementos a considerar quando empregamos a técnica de “relatos de vida”. Entre eles, o trabalho sobre o texto biográfico, ou seja: a passagem do discurso ao texto, do oral ao escrito.

Passar o “relato” do oral ao escrito não é tarefa fácil, pois algumas fórmulas só são utilizadas oralmente. De outro lado, a comunicação oral não se limita ao texto; há toda uma gama de entonações, de gestos, de pausas, de eloquentes silêncios, impossíveis de serem traduzidos nos limites da escrita.

Wiemer (1986) comentando da obra de Lévinas a prioridade do oral em relação ao escrito, melhor dizendo, da palavra viva sobre a gravada em simples signo, afirma que a instância do discurso permite ao sujeito que fala suprir as lacunas de suas palavras através da repetição e da explicação. O primeiro recurso de que se vale aquele que fala lhe é oferecido pela expressão de seu rosto. “A expressão do rosto da pessoa que se encontra diante de nós – a eloqüente expressão dos seus olhos – pode ser ouvida sob forma de apelo. E é neste sentido que Lévinas diz ‘a expressão do rosto já é um discurso’” (WIEMER, 1986, p. 4-5)

A dificuldade maior reside na interpretação das biografias. Segundo Chevalier (1978), a informação recolhida se situa, em diferentes níveis de realidade: a) o da realidade vivida; b) o da realidade formalizada e c) o da realidade representada. Por realidade “vivida”, entendem-se todos os comportamentos da existência real, desde os da prática social até o plano dos costumes. Por realidade “formalizada” entendem-se todos os modelos oficialmente reconhecidos ou impostos, através dos códigos e aparelhos institucionais: passa-se do plano da “práxis” social ao plano do normativo. E, por fim, por realidade “representada” entendem-se os ideais coletivos como os da moral e imagens que o grupo constrói de si mesmo. Encontramo-nos aí, não apenas no mundo dos fatos, nem de direito, mas da “idealização”, da imaginação. (CHEVALIER, 1978, p. 87)

A interpretação exige do pesquisador uma descentração em relação ao conteúdo do texto biográfico, a utilização de grades de análise (temática, simbólica) e um esforço de verificação pela multiplicação das fontes.

Entre os estudiosos da área, ninguém melhor que Queiroz³ ofereceu contribuição metodológica mais significativa à arte de fazer pesquisa. Sua contribuição em torno do tema abarca minuciosamente todo e qualquer elemento, desde a proposição de um projeto de pesquisa, a escolha das técnicas e do referencial teórico até a elaboração do relatório final. Em relação à utilização pelo pesquisador de histórias de vida e depoimentos, a orientação se estende da técnica do gravador à análise de documentos em ciências sociais.

Segundo Queiroz (1983, p. 52-55), uma das técnicas mais fascinantes da sociologia é a das histórias de vida e depoimentos pessoais. Três instrumentos deverão ser utilizados na coleta do material: o depoimento gravado; a ficha do informante e o diário de campo, este último de inestimável valor numa pesquisa dessa natureza. É ele que registra tudo o que escapa à gravação da entrevista. É nele que o pesquisador anota as condições que cercam a entrevista, as observações e reflexões que ocorrem ao longo do trabalho de campo: particu-

³ Pesquisadora de campo reconhecida não só entre nossas fronteiras, mas em vários países – notadamente na Europa -, professora emérita da Universidade de São Paulo, com vasta produção intelectual difundida em diversos países, foi fundadora do CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos) da Universidade de São Paulo, com intuito de desenvolver pesquisa no campo das Ciências Sociais, tendo sido responsável pela formação de gerações de pesquisadores que hoje ocupam postos em renomadas instituições de ensino superior do país. Entre os prêmios recebidos, destaca-se o Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia, outorgado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, recebido das mãos do Presidente da República, em cerimônia do Palácio do Planalto, em 1998. Merece menção o fato de ter sido, entre os cientistas laureados no campo das Ciências Sociais, a primeira mulher a receber esse prêmio.

laridades do relacionamento entre pesquisador e informante, detalhes que fazem com que a crítica aflore, suscitando um aprofundamento das questões.

Pode-se afirmar que existem três fases quando se trata da utilização dessa técnica: a gravação, a transcrição e a análise. Como primeira observação, Queiroz salienta que o ideal, numa pesquisa, é que o próprio pesquisador que realizou a entrevista seja, também, o transcritor da fita, pois apenas ele acompanhou o desenrolar da narração, partilhou das emoções manifestas e apenas ele poderá ir além do que escuta:

(...) o ideal, numa pesquisa, é que o próprio pesquisador que entrevistou o informante, seja também o transcritor da fita. Ouvir e transcrever a entrevista constitui, para ele, um exercício de memória em que toda a cena é revivida: uma pausa do informante, uma tremura de voz, uma tonalidade diferente, uma risada, a utilização de determinada palavra em certo momento, reavivam a recordação do estado de espírito que então detectou em seu interlocutor, revelam aspectos da entrevista que não haviam sido lembrados quando efetuou o registro do dia no caderno de campo, ou mesmo dão a conhecer detalhes que, no momento da entrevista, lhe escaparam. Cada vez que re-escuta a gravação, refaz de certo modo o contexto todo da entrevista na lembrança para explorá-la mais a fundo. Assim, a transcrição feita pelo próprio pesquisador contraria uma “despersonalização” da entrevista, que existe com maior ou menor força nos dois casos anteriores (ela se refere àquele que transcreve fitas gravadas como seu ganha-pão ou o pesquisador que não efetuou as entrevistas mas foi encarregado da transcrição) e que, mais tarde, será sociologicamente necessária. (QUEIROZ, 1983, p. 82)

Segundo ela, uma das exigências para aplicação dessa técnica é a diminuição ao máximo da interferência do pesquisador. Isso porque ele já detém uma intervenção preliminar: foi o pesquisador quem escolheu o tema do trabalho e do informante; formulou as questões que deseja esclarecer, propôs os problemas. Isso posto, pode-se concluir o quanto é ilusório supor que existam técnicas não dirigidas e seleção dos informantes feita ao acaso.

Outra exigência está ligada às relações que se estabelecem entre pesquisador e pesquisado:

“Que não exista entre ambos determinado grau de confiança, e as respostas irão se limitando somente ao que o entrevistado considera suficiente, não permitindo que o pesquisador penetre muito a fundo em sua vivência. Um relacionamento impregnado de simpatia e amizade constitui condição importante para uma boa colheita de dados. (QUEIROZ: 1983, p. 69)

Queiroz (1983, p. 91-92) afirma que história de vida e depoimentos pessoais constituem-se em documentos como outros quaisquer. Sua utilização da mesma maneira que qualquer

tipo de documento escrito – dependerá do interesse e objetivo de quem irá consultá-lo e somente através da análise, ou seja, do desmembramento dos tópicos que contém, identificando os diferentes temas nele existentes, poderá ser aproveitada a informação que ele encerra. Sociólogo e psicólogo poderão utilizar uma história de vida que tenha sido colhida por um deles. Por se encontrar no cruzamento das duas disciplinas, o material é válido para ambos os estudiosos.

O relato – como todo e qualquer dado empírico – nada significa se não for analisado. Queiroz (1983) fornece detalhada orientação quanto aos passos a serem seguidos a fim de se apreender o que contém um documento escrito. Segundo ela, a análise, ou seja, a decomposição do texto em partes, obedecendo, tanto quanto possível, às relações existentes entre as partes, compreende a identificação dos diferentes temas existentes no documento, segundo o interesse e o objetivo do pesquisador.

Quando se trata de histórias de vida e depoimentos pessoais, onde a intervenção do pesquisador foi mínima, o pesquisador tem três caminhos a percorrer: a) proceder a uma leitura cuidadosa de todo o material para decidir quais cortes deverão ser feitos; b) procurar nos dados colhidos as informações que lhe interessam, segundo as questões propostas no projeto; c) combinar ambas alternativas, localizando no documento não apenas as questões previamente definidas, mas, também, levantando outros temas não previstos no projeto, porém que se afiguram ao pesquisador como importantes.

(...) A combinação das duas atitudes, a) e b). contida em c), é a que permite a leitura mais rica do documento, de tal forma que se extraia dele o máximo de informações, tanto a respeito das questões já formuladas pelo pesquisador no seu projeto, quanto no tocante às informações imprevistas, que o texto pode veicular. (QUEIROZ, 1983, p. 94)

No caso das entrevistas gravadas, “*é sempre num momento do tempo*”, adverte Queiroz, que o pesquisador se defronta com o que foi colhido do relato, ou seja, em circunstâncias diversas: a) na realização do depoimento; b) na escuta da gravação para a transcrição; c) na leitura do documento já escrito, sendo que, em cada um desses momentos, o significado da fala assume fisionomia diversa. Então, necessário se faz ouvir a gravação muitas vezes para que se possa apreender as revelações do informante em sua acepção mais profunda.

A propósito, Michelat (1980), num texto onde formula observações sobre a utilização da entrevista não-diretiva como método de análise dos fenômenos sociais, tece algumas con-

siderações a respeito de seu alcance e, também, exigências. Entre elas, a análise qualitativa dessas entrevistas. Para tanto, parte da hipótese de que todo elemento do *corpus*, inclusive os detalhes, têm, pelo menos, uma significação. Chama atenção para o fato de que esses detalhes não podem ser considerados isoladamente, fora do contexto, pois só assumem significado em relação ao todo. Esse tipo de análise, que parte da idéia de que tudo tem um significado, pressupõe uma análise exaustiva.

O procedimento adotado vai consistir em ler e reler as entrevistas disponíveis para chegar a uma espécie de impregnação. Reencontra-se aqui um procedimento comparável ao de Lévi-Strauss que declara. ‘Levei três anos para escrever este último volume (...) todo esse tempo era necessário para impregnar-me a tal ponto da substância dos mitos que já sabia todos praticamente de cor’ (MICHELAT, 1980, p. 204).

Ainda segundo Michelat (1980), a mesma atenção dedicada à singularidade de cada entrevista deve estar presente na relação a ser estabelecida entre as diversas entrevistas entre si. Tal procedimento leva o pesquisador a realizar tanto as leituras verticais das entrevistas, buscando a lógica própria a cada uma delas, quanto às leituras horizontais, onde se busca estabelecer a relação entre elas. Assim, um elemento ausente numa entrevista poderá ser encontrado em outra; em sentido inverso, um elemento presente em apenas uma entrevista, poderá levar a um novo “questionamento” do material em seu conjunto.

Queiroz (1983) chama atenção para o fato de que todo e qualquer relato encerra “acontecimentos” e “avaliações” (que podem ser morais, sociais, econômicas, etc., quanto aos valores que as orientam). Uma vez separados “acontecimentos” e “avaliações”, é preciso distinguir os temas principais, tanto na narrativa objetiva, quanto nas reflexões e opiniões. Dois tipos de operação são necessários previamente: a) eliminação de todas as repetições, ou seja, uma “limpeza” do texto; b) seleção dos temas que o pesquisador considerar importantes para o seu trabalho, tanto no que diz respeito aos “acontecimentos”, quanto às “avaliações”, deixando de lado o que não esteja diretamente ligado ao seu projeto.

Lembrar, porém, que as repetições, paráfrases, etc., têm muita importância num outro momento do trabalho, isto é, quando se estudou a forma da narrativa, na sua linearidade ou não, assim como nos pontos de referência do informante; as repetições e paráfrases são para tanto indicadores inestimáveis”. (QUEIROZ, 1983, p. 102).

Importante selecionar os temas fundamentais para o informante e os temas fundamentais para o pesquisador. Pretender conservar todos os temas encontrados torna a análise impraticável, pois significaria reproduzir o documento em sua totalidade.

Oportuno recorrer aqui à contribuição de Queiroz (1983, p. 85), quando afirma que o vivido é irrecuperável em sua total vivacidade. Segundo ela, é preciso estar atento ao significado da técnica do gravador, em suas diferentes fases. Na primeira, a da gravação, embora a fala seja captada com fidelidade, constitui um recorte do real, pois é impossível registrar as nuances da entrevista como um todo: expressões faciais, pausas, suspiros, ou seja, a expressão das emoções. Decorre daí um primeiro empobrecimento. Na segunda fase – a de transcrição da fita –, embora se perca muito menos do real do que na primeira, mesmo amparado o pesquisador em seu diário de campo, ainda há uma perda. “O documento escrito, resultado dessas duas fases, é uma pálida cópia da realidade, e é sobre esta pálida cópia que trabalha o pesquisador” (Queiroz, 1983, p. 85).

A grande vantagem da história de vida é a riqueza de conteúdo; sua grande dificuldade é esta mesma riqueza e a ilusão que ela pode causar: que seu sentido esteja aí incluído.

E é este mundo complexo, situado em diferentes níveis de realidade, comportando costumes, códigos, valores, modelos, coletados nos relatos da vida de atores situados sucessivamente e simultaneamente em universos distintos – que é preciso analisar. Como diz Selim Abou:

[...] o discurso autobiográfico (...) é essencialmente discurso da razão (...) a cadeia de significantes que constitui o discurso manifesto encobre duas séries de significados. A primeira é representada pela história de sua socialização, tal como o narrador a percebe e a explica. A segunda, desconhecida por ele, forma um discurso simbólico cuja cadeia de significantes encontra-se na série de repetições temáticas, tendo a racionalização como eixo-verdade ilusória fornecida pelo narrador. A racionalização remete, em última análise, ao mundo do Desejo, no limiar onde termina a biografia etnológica e inicia-se a analítica. E a primeira só pode ser revelada através dos problemas que envolveram a socialização do indivíduo no quadro de uma sociedade e de uma cultura determinada”. (ABOU, 1972, p. 15)

Seguindo o raciocínio de Abou, a narração biográfica enseja três leituras: uma leitura factual (dos acontecimentos), que é diacrônica; uma temática ou sincrônica onde o conteúdo da biografia permite uma análise dos temas relativos ao ciclo de vida e, através deles, das normas sociais ou valores culturais do meio onde gravita o sujeito; uma leitura simbólica que

é a síntese das duas anteriores, visando apreender a incidência do sistema de coerções sociais e culturais sobre o desenvolvimento da vida individual.

Conclui-se, então que não existe apenas uma leitura, mas diversas leituras possíveis de um texto biográfico, leituras situadas a diferentes níveis de apreensão de uma realidade individual e social. Da mesma maneira, não existe uma metodologia única de histórias de vida, mas múltiplas abordagens possíveis, segundo os objetivos específicos colocados por cada pesquisa.

Os relatos de vida fascinam e chamam atenção. Para compreender a realidade da sociedade que eles representam, para entender seu advento e sua consagração, é preciso ir além dele próprio, constituir a prática em objeto semiótico, analisar suas funções sociais, suas significações e suas formas discursivas. Tríplice questionamento: pragmático, semântico e sintático. (...) Eles são mais que simples vetores de informações, eles engajam instâncias pessoais, interlocutores (reais e imaginários). Seu sentido deriva tanto de seu conteúdo, quanto dos modelos onde eles se inspiram, da retórica que os alimenta e dos discursos que os acompanham. (ABASTADO, 1983, p. 6)

O objetivo fundamental da história de vida foi sempre o de penetrar, pelo interior, uma realidade que ultrapassa o narrador e a modela. Pelo fato dessa técnica se colocar no ponto de interseção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que ele traz no seu íntimo (o social e o individual) busca-se, através dela, apreender o socialmente vivido, o sujeito em suas práticas, tentando perceber de que maneira ele aborda as condições sociais que lhe são particulares.

Queiroz (1980, p. 40), tecendo considerações sobre sua utilização, afirma que “há nesta técnica uma riqueza potencial ainda não utilizada pelas ciências sociais, e de que seu refinamento enquanto mecânica de pesquisa, para ser alcançado, necessita de uma utilização prática devidamente acompanhada de uma reflexão metodológica cada vez mais aprofundada”.

Como última observação é preciso considerarmos o fato de que toda história de vida é reconstituída sob o peso das necessidades presentes; assim, ela deve ser confrontada com reminiscências de experiências paralelas e situada em relação à história social, política e cultural da geração à qual ela pertence.

É através de diversos olhares, diversos ângulos, reconstituindo-se o cotidiano ínfimo, buscando o detalhe pertinente que se chega a ordenar os fragmentos dos dados, as lembranças

ças truncadas, as sabedorias insuspeitas. “Isto significa que uma narração de vida isolada, privada do suporte da pesquisa etnográfica, assemelha-se a uma concha vazia (...) Inserida na história econômica e social do grupo, ela se transforma em instrumento de reconhecimento da sociedade”. (ZONABEND, 1984, p. 7)

REFERÊNCIAS

ABASTADO, Claude. Raconte: Raconte ... les récits de vie comme objet sémiotique. In: *Revue des Sciences Humaines*. Lille. Université de Lille III, 1983, n. 191.

ABOU, Selim. *Immigrés dans l'autre Amérique: autobiographies de quatre argentins d'origine libanaise*. Paris: Pion, 1972.

BERTAUX, Daniel. Histoires de vies ou récits de pratiques? Methodologie de l'approche biographique em sociologie. In: *Recherches Economiques et Sociales*, Paris, n. 6, avr., 1977.

L'approche biographique, Sa validité méthodologique, ses potentialités. In: *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Paris, v. 69, juil./déc., 1980.

BOLLÈME, Geneniève. Récits pour vivre. In: *Revue des Sciences Humaines*. Lille III, Paris, v. 62, n. 191, juil/sept., 1983.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 2. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CHEVALIER, Yves. La biographie et son usage in sociologie. In: *Archives de Sciences Sociales de la Coopération et du Développement*. Paris, n. 43, jan./mars., 1978.

DEVEREUX, George. *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion, 1980.

FERRAROTTI, F. Les biographies comme instrument analytique et interprétatif. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Numéro Special. Histoires de vie et vie sociale (Paris), v. 69, p. 223-245, 1980.

FERRAROTTI, F. *Histoire et histories de vie: la méthode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Méridiens, 1983.

FERREIRA, Rosa M. A relação de dominação na pesquisa social. In: *Revista de cultura e política*. São Paulo: CEDEC, n. 3, 1981.

JOUTARD, Phillippe. *Ces voix qui nous viennent du passé*. Paris: Hachette, 1983.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.

POLLAK, Michel. Pour un inventaire. In: QUESTIONS a l'Histoire orale. Paris: *Cahiers de L'Institut D'Histoire Du Temps Présent*. 1987. (Cahier, n. 4).

QUEIROZ, Maria Isaura de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva*. 2. ed., São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983. Col. Textos, 4.

QUEIROZ, Maria Isaura de. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes (org.). *Experimentos com história de vida Itália/Brasil*. São Paulo: R. T., 1988.

RIOUX, Jean P. L'historien et les récits de vie. In: *Récits de vie*. Lille: Université de Lille III, 1983. *Revue des Sciences Humaines*, n. 191.

THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. *The polish peasant in Europe and America*. Chicago: The University of Chicago Press, 1918-1920. New York: Knopf, 1927.

WIEMER, Thomas. *Une écriture de la mémoire*. Colóque de Cerisy autour d'Emmanuel L'Evinas. Paris, 1986.

ZONABEND, Françoise. *La mémoire longue: temps et histoires au village*. Paris: PUF, 1984.

Artigo recebido em 15 de março de 2010

Aprovado para publicação em 27 de abril de 2010